

TANTAS PALAVRAS

Maria Lucia Mexias-Simon (CiFEFiL)
mmexiassimon@yahoo.com.br

Semântica é o estudo do significado, isto é a ciência das significações, com os problemas suscitados sobre o significado: Tudo tem significado? Significado é imagem acústica, ou imagem visual? O homem sempre se preocupou com a origem das línguas e com a relação entre as palavras e as coisas que elas significam, se há uma ligação natural entre os nomes e as coisas nomeadas ou se essa associação é mero resultado de convenção. Nesse estudo consideram-se também as mudanças de sentido, a escolha de novas expressões, o nascimento e morte das locuções. A semântica como estudo das alterações de significado prende-se a Michel Bréal e a Gaston Paris. Um tratamento sincrônico descritivo dos fatos da linguagem e da visão da língua como estrutura e as novas teorias do símbolo datam do século XX.

Se a semântica trata das significações em uso, a lexicologia trata das potencialidades, das virtualidades. A auxiliar, ou o outro braço da lexicologia é a lexicografia, a ciência de fabricar dicionários.

As formas linguísticas são símbolos e valem pelo que significam. São ruídos bucais, mas ruídos significantes. É a constante referência mental de uma forma a determinado significado que a eleva a elemento de uma língua. A significação linguística envolve:

- uma referência *permanente* a coisas do mundo exterior;
- um enquadramento desses significados nas categorias mentais que a língua em questão tem em conta;
- um índice da relação que nas frases da língua se estabelece entre as formas constituintes.

As significações do primeiro tipo dizem respeito aos *semanemas*. As do segundo e terceiro tipos se consubstanciam nos *morfemas*, que tem, ora significação categórica, ora significação relacional. Os morfemas são estudados na chamada *gramática* da língua.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

No estudo dos morfemas temos a *significação gramatical* ou *interna* da língua. O estudo das significações dos semantemas cabe à chamada *semântica lexical*. A semântica pode ser, também, diacrônica evolutiva ou sincrônica descritiva (estrutural). Essa última, Bloomfield e seus seguidores colocariam fora do domínio da linguística, já no terreno da filosofia, por influência do behaviourismo, que nega a atinabilidade da mente pela ciência.

Há uma clara relação entre *significado* e *uso*. O único laço entre o semantema *cão* e certo animal doméstico é o *uso* que se faz desse semantema para referir-se a esse animal. Cada língua “recorta” o mundo objetivo a seu modo, o que Humboldt chama “visão do mundo”. Registre-se a existência da linguagem figurada, a metáfora, uso de uma palavra por outra, subjazendo à segunda a significação da primeira. Há que se levar em conta a denotação (significado mais restrito) e a conotação (halo de emoção envolvendo o semantema – casa/lar).

O estudo dos semantemas é difícil, pois são em número infinito e sua significação fluída, sujeita às variações sincrônica, sintópica etc. A polissemia faz da significação dos semantemas um conglomerado de elementos e não um elemento único: ele *anda* a passos largos/*anda* de carro/*anda* doente. Quanto à significação interna dos morfemas, ela se distribui nas categorias gramaticais que enquadram um dado semantema numa gama de significações para maior economia da linguagem.

As significações linguísticas consideram a significação interna ou gramatical referente aos morfemas e a semântica externa ou gramatical, isto é, objetiva, referente aos semantemas. Pode ser diacrônica ou descritiva (como as línguas interpretam o mundo). A significação interna se distribui pelas categorias gramaticais para maior economia e eficiência da linguagem. A estrutura sintagmática é também relevante para o significado, donde poder-se falar em significado gramatical; dependendo da regência, da colocação e, até, de fatores como pausa, entonação que, na linguagem escrita são assinaladas, tanto quanto possível, pela pontuação. O significado da sentença não é, portanto, a soma do significado dos seus elementos lexicais, muito embora a relevância do significado destes. Os elementos lexicais que fazem parte do acervo do falante de uma língua podem ser:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

- simples – cavalo
- composta – cavalo-marinho
- complexa – a olhos vistos, briga de foice no escuro (são sintagmáticos)
- textuais – orações, pragas, hinos (são pragmáticos, não entram nos dicionários de língua, a não ser por comodidade). O conceito de *gato* não está contido em "à noite todos os gatos são pardos "

Nas alterações sofridas nas relações entre as palavras estão as chamadas figuras de retórica clássica:

1) Metáfora – comparação abreviada

2) Metonímia – transferência do nome de um objeto a outro, com o qual guarda alguma relação de:

- autor pela obra – Ler Machado de Assis
- agente pelo objeto – Comprar um Portinari
- causa pelo efeito – Viver do seu trabalho
- continente pelo conteúdo – Comeu dois pratos
- local pelo produto – Fumar um havana

3) Sinédoque (para alguns é caso de metonímia)

- parte pelo todo – Completar 15 primaveras
- singular pelo plural – O português chegou à América em 1500

4) Catacrese – extensão do sentido de uma palavra, por extensão, a objetos ou ações que não possuem denominação própria – embarcar no ônibus; o pé da mesa.

No levantamento da tipologia das relações entre as palavras assinalam-se ainda os fenômenos da sinonímia, antonímia, homonímia, polissemia e hiponímia. Os sinônimos se dizem completos, quando são intercambiáveis no contexto em questão. São perfeitos quando intercambiáveis em todos os contextos, o que é muito raro, a não ser em termos técnicos.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Por exemplo, em: casamento, matrimônio, enlace, bodas, consórcio, há um fundo comum, um "núcleo"; os empregos são diferentes, porém próximos. Nem todas as palavras aceitam sinônimos ou antônimos. A escolha entre séries sinonímicas é, às vezes, regional. (Ex: pandorga, papagaio, pipa). Quanto à homonímia, pode ocorrer coincidência fônica e/ou gráfica. A coincidência de grafemas e fonemas pode decorrer de convergência de formas (Ex.: *são*). Ou de existência coincidente do mesmo vocábulo em línguas diferentes (Ex: manga). Cumpre distinguir homonímia de polissemia, o que nem sempre é fácil. A distinção pode ser:

- descritiva – considerando ser a palavra um feixe de semas, se entre duas palavras com a mesma forma, houver um sema comum, diz-se ser um caso de polissemia (Ex: coroa – adorno para a cabeça ou trabalho dentário). Em caso contrário, será homonímia (Ex.: pena – sofrimento ou revestimento do corpo das aves).
- diacrônica – se as palavras provêm do mesmo léxico, diz-se ocorrer um caso de polissemia;(Ex: cabo – acidente geográfico e fim de alguma coisa) No contrário, ocorrerá um caso de convergência de formas (Ex: canto – verbo cantar e ângulo).

Um grande número de palavras aceita polissemia. Escapam os termos técnicos, palavras muito raras e palavras muito longas. O deslizar de sentido ocorre por muitas causas:

- interpretações analógicas – (Ex: mamão).
- transferência do adjetivo ao substantivo – (Ex: pêssego, burro).
- adaptação de palavras estrangeiras – (Ex: forró).

O estudo da *homonímia* e da polissemia envolve o problema de significação principalmente universal e de significação marginalmente ocasional. Quando a mesma forma fônica cobre significações diferentes, embora correlatas, tem-se a polissemia; quando cobre significações completamente diferentes, tem-se a homonímia. A polissemia envolve matizes emocionais, é determinada pelo contexto; constitui, às vezes, linguagem figurada e linguagem literária. A tarefa do ouvinte é fazer uma seleção entre as significações alternativas, por meio do contexto em que se acha o signo.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

As relações hiponímicas provém do fato de um termo ser mais abrangente que outro: (Ex: flor > rosa, orquídea etc.)

Na evolução semântica, as palavras ganham conotação pejorativa (tratante), ou valorativa (ministro); ampliam o significado (trabalho), ou restringem (anjo).

As siglas são outra fonte do léxico, dando até palavras derivadas (CLT → celetista). Há que considerar os eufemismos e os tabus linguísticos (mal dos peitos, doença ruim, malino>maligno etc.).

Fontes de renovação do léxico em suas acepções, são as gírias (falares grupais) aí incluídos os jargões profissionais (*chutar*, no sentido de mentir; o doente *fez* uma hipoglicemia).

O signo linguístico quebra a convencionalidade no caso da derivação (que se prende à semântica gramatical) e no caso das onomatopeias (sibilar). Há estudiosos defendendo a ideia de que, originalmente seria tudo onomatopeia. As onomatopeias são iconográficas; na poesia exploram-se as virtualidades da representação natural.

Rompe também a convenção do signo linguístico a motivação intra-linguística (maçã macieira; pena de ave pena de caneta). Na chamada linguagem figurada há várias ocorrências: elipse (bife com fritas); similaridade (chapéu-coco); sinestesia (cor berrante); contiguidade (beber Champanhe); perda de motivação (átomo); eufemismo (vida-fácil) – às vezes por tabus linguísticos. Esses fenômenos são grupais, acabam por convencionalizar-se. Toda criação de palavras repousa em associações, sendo a língua uma estrutura. O valor de uma palavra se estabelece em relação a outras e em relação ao sistema, é o centro de uma constelação associativa; toda mudança em um conceito resulta em mudança nos conceitos vizinhos (mulher/senhora; sopa *fria*/água *fria*).

Enfim, o sentido das palavras não é transcendental nem produzido pelo contexto; é a resultante de contextos já produzidos. A relação entre significante e significado é flutuante, está sempre em aberto. Disso resultam os problemas lexicográficos. Mesmo aqui, usamos termos como palavra, vocábulo e outros sobre cujas acepções divergem os estudiosos, muito embora o seu fundo comum, do qual temos, inclusive os leigos, um conhecimento intuitivo.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

É preciso considerar que as línguas possuem variadas funções. As proposições podem ser declarativas, imperativas, ou imperativas. As declarativas podem ser afirmativas ou negativas (falsas ou verdadeiras). Há, então, uma grande divisão entre Significado descritivo e não descritivo. (João levanta tarde (! ?)). Entre o não descritivo inclui-se o *expressivo* e o *social* quando este visa a manter ou estabelecer papéis sociais. Numa visão mais ampla podemos aí incluir das formas ritualizadas (cumprimentos, brindes etc.) até os enunciados científicos que tem por objetivo fazer adeptos e influenciar comportamentos. O que é dito e o modo de dizer dependem das relações sociais entre os interlocutores. Quanto aos lexemas, há que se considerar que eles também transportam conteúdo sêmico (do Significado), quanto a informações gramaticais expressas nas desinências e nos determinantes e nas funções que expressam na sentença. Há informações portanto, mórficas e sintáticas, apontadas já no dicionário. (p. ex. *subst. fem., v. trans.* etc.). O conceito de *semântica gramatical* se torna claro ao compararmos: *O menino mordeu o cachorro/O cachorro mordeu o menino*. Há também variações estilísticas: o emprego do condicional é mais gentil que o presente do indicativo. Entram no significado as palavras gramaticais: preposições, conjunções, artigos e alguns advérbios. O uso de uma dessas partículas por outra, influi no Significado gramatical, embora sejam tidas, em consenso, como menos lexicais que os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios em –mente. O Significado gramatical advém, ainda dos mecanismos de concordância: Ele matou-a em casa dele/em casa dela.

A *significação lexical* não envolve maiores dificuldades; é simplesmente significação no sentido de uma noção apropriada, experimentada em conexão com o uso da palavra em causa. A significação gramatical está ligada aos morfemas, sem se desligar da significação léxica; refere-se às propriedades e relações dos signos verbais dados e às propriedades e relações dos objetos reais que são refletidos na linguagem e no pensamento: gênero, número etc. A significação sintática é, por assim dizer, uma extensão da significação gramatical – *lato-sensu*, diz-se que a significação dos morfemas é um elemento da significação sintática; na significação sintática sempre se acrescenta um elemento qualquer à significação léxica; isso provém dos morfemas, das regras da ordem das palavras e das pala-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

vras funcionais. Quando o quadro de morfemas é pobre, a ordenação e as palavras auxiliares tornam-se importantes. Essas últimas são morfemas, tanto quanto os afixos, pois sempre aparecem em companhia das palavras mais lexicais e acrescentam algo à significação dessas (bater *no/com* o carro de Maria).

Nas línguas naturais ocorrem, ainda, sentenças com:

– pressuposição – Quanto tempo ele ficou em Brasília? – supõe: Ele foi a Brasília.

– implicação – Muitos estudantes não foram capazes de responder à pergunta. implica: – Só alguns estudantes responderam.

A compreensão dos significados das sentenças envolve os elementos lexicais isolados e o modo como eles se relacionam. A análise do significado das palavras requer o uso de regras semânticas. *Menino* implica *macho, jovem, humano*: são os traços pertinentes ou componentes semânticos, que se apontam na análise componencial. O significado da palavra é um complexo de componentes semânticos ligados por constantes lógicas. X bate em Y – implica – Y apanha de X; Caso Paulo venha, Pedro partirá. – implica – Caso Paulo não venha, Pedro não partirá. Pedro continua a beber – pressupõe – Pedro bebia antes. A pressuposição com a frase negativa continua a mesma: Pedro não toma bebida alcoólica – pressupõe – Pedro não gosta, ou está proibido pelo médico, ou por autoridade religiosa, de tomar bebida alcoólica.

Nos atos declarativos, há que se distinguir entre locutor e enunciador. Locutor será o autor das palavras, o que diz; enunciador será o indivíduo a quem o locutor atribui a responsabilidade do foi dito. Por exemplo, no enunciado “O homem teria chegado ao Brasil há 45.800 anos”, o locutor é o jornalista que redige a notícia e o enunciador a arqueóloga que faz a afirmação. O uso do Futuro do Pretérito, muito usado no discurso jornalístico, exime o jornalista da responsabilidade quanto à veracidade das palavras.

A essa superposição de falas dá-se o nome de polifonia. O locutor dá voz a um ou vários enunciadores, cujos discursos ele difunde, organizando-os e não deixando de manifestar a própria posição. Se o enunciador não é reconhecido pelo ouvinte (caso das citações

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

muito repetidas – “Penso, logo existo”) esse fato não impede a comunicação, logo não impede o sucesso do ato de fala.

O mesmo se pode dizer da ironia, da hipérbole, que, mesmo quando não de imediato percebidas, de alguma forma atingem os objetivos do falante.

Outra situação remarcável é dos tropos: desvio de um sentido literal, primitivo a um sentido implícito. O brasileiro, tido como povo afável, é farto em tropos:

- Você pode me emprestar a caneta? – por – Empreste-me a caneta.
- Não está um pouco tarde? Não vá perder seu ônibus (para a visita) – por – Você está me cansando com sua permanência.
- Diga boa-noite a seus irmãozinhos. (a mãe para o filho de poucas semanas) – por – Vão se deitar. (para os filhos mais velhos).

De tudo, parece válido concluir ser a linguagem uma variável com participação fundamental nos processos de convivência com a realidade física e social, além de sua importância na maneira de organizar as ideias sobre a realidade que nos rodeia. Sendo assim, a linguagem nunca se esgota em simples instrumento de referência ao mundo externo. Ao falarmos, manifestamos a nossa perspectiva, nossa avaliação do conteúdo do *dito*. Essa posição é resultado da soma de nossas experiências, de nossa própria ideologia, desaguando num discurso que, de modo algum pode ser simples e objetiva descrição da realidade. Todo discurso quer converter a uma ideologia e essa ideologia será, evidentemente, a ideologia do falante. Uma linguagem que vise, apenas, a reproduzir as próprias coisas esgota seu poder de informação a dados de fatos. Uma forma de expressão, se é produtiva, deve conter não só informações, como levantar procuras. O mesmo se pode dizer das artes visuais. Mesmo quando se dizem meramente representativas, na verdade, nunca o são. Sempre haverá a dimensão criativa.

A linguagem apenas prolonga a percepção e essa percepção sempre se mostrará dotada de uma dimensão produtiva.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

ANEXO: ANÁLISE COMPONENTIAL (Ilari *et alii*, 1992)

Afirmar	Assegurar	Asseverar	Atestar	Certificar	Garantir	Contar	Narrar	Relatar	Expor	Historiar	Refletir	
+	+	+	+	+	+	-	-	+	+	+	+	Levar ao conhecimento do falante, com convicção
-	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	Não provo-car dúvida
-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Com insistência
-	-	-	+(provi-sório)	+(defi-nitivo)	+(tem prazo)	-	-	-	-	-	-	Verificar pela presença
-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	O falante se responsabilizar pe-la verdade
+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	Levar ao conhecimento de alguém alguma coisa
+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	Um só receptor
-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	+	-	Abordagem extensa
-	-	-	+	+	+	-	-	+	+	+	-	Com for-malidade
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	Reflexivo
+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	Com menção do ouvinte no enunciado

REFERÊNCIAS

- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Padrão, s/d.
- GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- GUIRAUD, Pierre. *La semantique*. Paris: Seuil, 1955.
- ILARI *et alii*. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1992.
- LYONS, John. *Linguagem e linguística*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- PENNA, Antonio G. *Comunicação e linguagem*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1986.
- RECTOR, M., YUNES, E. *Manual de semântica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980